

# A iniciação esportiva de atletas da Seleção Brasileira de Ginástica Artística Masculina (2013-2021)

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.2023e37nesp215356>

Pauline Iglesias Vargas<sup>\*/\*\*</sup>  
Maria Thereza Oliveira Souza<sup>\*/\*\*\*</sup>  
André Mendes Capraro<sup>\*</sup>

\*Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR Brasil.

\*\*Universidade Positivo, Curitiba, PR, Brasil.

\*\*\*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Curitiba, PR, Brasil.

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar os aspectos da iniciação esportiva de atletas brasileiros de ginástica artística masculina (GAM) que competiram em Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, entre os anos de 2013-2021. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco ginastas brasileiros. A História Oral temática foi empregada para a apreensão das fontes orais e o documento escrito foi categorizado em: outras vivências esportivas; idade de início na modalidade; local de nascimento; encaminhamento; e, infraestrutura. Os resultados evidenciaram o papel do profissional de educação física em apresentar o esporte, despertar o interesse, e identificar e encaminhar talentos esportivos. A idade de início na modalidade não se mostrou relevante em todas as trajetórias analisadas. Os atletas são da região Sudeste. Os locais de formação foram clubes/associações esportivas que ofereciam a aparelhagem básica de GAM. As seletivas eram realizadas a partir de observação dos técnicos, baseadas na própria experiência. Conclui-se que há necessidade de valorização dos treinadores, bem como de manutenção de estruturas de treinamento em regiões brasileiras que tradicionalmente formam atletas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esportes; Treinamento; Ginastas; Formação; Fontes orais.

## Introdução

Os atletas brasileiros de ginástica artística masculina (GAM) vêm se destacando no contexto esportivo mundial, chamando a atenção da mídia e dos pesquisadores a respeito do desenvolvimento da modalidade no Brasil<sup>1</sup>. Ao percorrer a história desse esporte, observa-se que a primeira participação brasileira em Campeonatos Mundiais (CM) ocorreu em 1954<sup>2</sup>, e, em Jogos Olímpicos (JO), na edição de Moscou (1980). No entanto, verificou-se que a GAM passou a ter expressão no cenário internacional a partir da década de 2000, quando a nação passou a disputar finais nas principais competições internacionais<sup>3</sup>. Enquanto equipe, o Brasil teve a sua primeira participação olímpica

na edição do Rio de Janeiro, na qual os ginastas brasileiros conquistaram três medalhas e finalizaram a competição na inédita sexta posição<sup>1</sup>.

Diante desse cenário, confirma-se a hipótese levantada por OLIVEIRA<sup>3</sup>, o qual indicava um “futuro promissor” (p. 249) para a modalidade, tendo em vista a qualidade dos poucos ginastas formados no Brasil. Tais acontecimentos lançam luz para a essa manifestação gímnica considerada não convencional<sup>4</sup> e de especialização precoce<sup>5</sup>. Ou seja, tornam-se pertinentes investigações que tematizam aspectos da formação desses atletas. Isso porque para que o atleta chegue à elite é necessário passar por um longo processo de formação esportiva<sup>6</sup>. Esse processo

é dividido por CÔTÉ<sup>7,8</sup> em três diferentes estágios: a experimentação; a especialização; e, os anos de investimento. Para o autor, o primeiro estágio tem por objetivo criar interesse na prática esportiva e, nesse período, o esporte deve ser divertido e emocionante. No segundo estágio, o jovem dedica-se a uma ou duas modalidades, a(s) qual(is) optou a partir de experiências positivas na fase anterior. Tal fase é marcada pelo desenvolvimento de habilidades específicas para o esporte. A última fase, da formação esportiva, caracteriza-se pela extrema intensidade de dedicação ao esporte, além do acentuado aumento de volume do treinamento. Acredita-se que é apenas após o período de experimentação que é possível identificar os atletas com reais chances de chegar à elite esportiva, afinal, além das qualidades físicas necessárias para a modalidade, os fatores emocionais e ambientais também exercem influência nesse

processo<sup>9</sup>. Nesse contexto, é importante frisar que ainda que haja estudos recentes a respeito da GA no Brasil<sup>1,10,11,12</sup>, existe uma inegável carência de pesquisas que tratam especificamente da iniciação esportiva de ginastas<sup>13,14</sup>. E, defende-se que a compreensão de aspectos da iniciação esportiva de ginastas brasileiros poderá auxiliar no delineamento do cenário nacional relacionado ao alto rendimento desse esporte, o que pode fornecer subsídios para a atuação de profissionais e pesquisadores.

Nesse sentido, o presente artigo busca analisar os aspectos da iniciação esportiva de cinco ginastas da seleção brasileira de GAM. Trata-se de parte de um projeto maior, o qual teve por objetivo destacar aspectos da trajetória esportiva dos atletas da seleção brasileira de GAM, participantes das principais competições internacionais da modalidade entre os anos de 2013 e 2021.

## Método

Para atingir o objetivo exposto, optou-se pela utilização da História Oral temática como ferramenta para apreensão de fontes orais. Esta visa à realização de entrevistas sobre um tópico específico da vida de indivíduos que podem contribuir para a investigação de um fenômeno particular<sup>15</sup>, nesse caso, a formação como atleta de alto rendimento na GAM. As entrevistas foram realizadas com cinco ginastas brasileiros que representaram o Brasil nas principais competições da modalidade, no período entre 2013 e 2021. Foram eles: Francisco Barreto, finalista nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016); Arthur Zanetti, medalhista nas edições olímpicas de Londres (2012) e Rio de Janeiro (2016); Arthur Nory, medalhista nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016); Caio Souza,

campeão panamericano individual geral (2019); e, Lucas Bitencourt, o quinto integrante da equipe que garantiu a vaga aos Jogos Olímpicos de Tóquio (2021). No QUADRO 1, é possível observar mais detalhes biográficos dos entrevistados.

Vale destacar que a pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília, mediante parecer consubstanciado número 6.028.755. Número de registro na CONEP: 51225615.5.0000.5540. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordaram com a utilização dos seus nomes reais para fins de publicação acadêmica.

QUADRO 1 - Apresentação dos entrevistados.

Atleta	Ano de nascimento	Local de nascimento	Primeiro local de prática da GA
Francisco Barretto	1989	Ribeirão Preto (SP)	Complexo Esportivo Cava do Bosque (Ribeirão Preto)
Arthur Zanetti	1990	São Caetano (SP)	SERC - Santa Maria (São Caetano do Sul). Entidade vinculada a Associação de Ginástica Di Thiene (AGITH)
Arthur Nory	1993	Campinas (SP)	Clube Municipal Pelezão (São Paulo)
Caio Souza	1993	Volta Redonda (RJ)	Academia da Claudia Delgado (Volta Redonda)
Lucas Bitencourt	1994	Nova Odessa (SP)	Prefeitura Municipal de Americana

Fonte: Os autores, 2023.

A coleta dos dados se deu de duas formas distintas. Os atletas participantes dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016) foram entrevistados no Centro de Treinamento Olímpico da Barra da Tijuca (cidade do Rio de Janeiro), quando a seleção brasileira estava em preparação para os Jogos Pan-Americanos de Lima (2019), no mês de julho de 2019. Tais entrevistas foram realizadas em um local confortável e privado, cedido pela própria Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), dando a possibilidade aos entrevistados de contarem e expressarem as suas opiniões de forma livre. Já os atletas Caio Souza e Lucas Bitencourt foram entrevistados por chamada eletrônica, no mês de maio de 2020, em horário definido pelos atletas, devido à pandemia de Covid-19.

No encontro com a pesquisadora, os atletas foram convidados a contar aspectos de suas trajetórias esportivas, desde o primeiro contato com a modalidade até a participação olímpica e/ou mundial, os quais foram organizados em um roteiro semiestruturado. Tais entrevistas tiveram em média

40 minutos de duração e foram gravadas em áudio para posterior transcrição. Os textos resultantes desse processo passaram por pequenas alterações para que ficassem adequados e compreensíveis à leitura, ou seja, eliminando-se as imperfeições características da atividade de fala, como se orienta em relação aos procedimentos de tratamento de fontes orais<sup>16</sup>. Feito isso, o documento escrito foi analisado e discutido pelo grupo de pesquisa Memórias e narrativas do esporte, com a participação de estudantes de Pós-Graduação sob orientação do professor doutor responsável. Os integrantes do grupo fizeram observações e interpretações do material produzido. Após esse processo foram destacados pontos importantes para o tratamento da iniciação esportiva dos atletas de acordo com a apreensão das suas narrativas, os quais foram organizados em categorias de análise, a saber: outras vivências esportivas; idade de início na modalidade; local de nascimento; encaminhamento; e, infraestrutura. Tais categorias foram detalhadas e discutidas na sequência.

## Discussão

### *Outras vivências esportivas*

Sabe-se que para que o atleta tenha a oportunidade de desenvolver-se em um determinado esporte faz-se necessário, em primeiro lugar, que ele tenha a oportunidade de conhecê-lo. Por isso, a fase de experimentação é ressaltada por CÔTÉ<sup>8</sup> como fundamental para a trajetória esportiva de sucesso. Nessa fase, as crianças devem ter contato com uma gama de diferentes esportes e, assim, experimentar, conhecer e ter a oportunidade de identificar modalidades que sentem prazer em praticar<sup>8</sup>. Sobre isso, Barreiros, CÔTÉ e FONSECA<sup>7</sup> reforçam que quanto mais prazerosa for a experiência da criança nessa fase, maior será a chance de ela optar por seguir na modalidade.

Nesse sentido, a experiência em outras modalidades, anteriores à GA, foi encontrada na trajetória esportiva dos ginastas entrevistados. O atleta Francisco Barretto contou que ele e seus irmãos (três homens e uma mulher) frequentavam no contraturno escolar um centro de treinamento público da prefeitura de Ribeirão Preto (SP), no complexo esportivo Cava do Bosque. No local, Barretto citou que teve contato com diversas

modalidades: futebol, basquete, judô, atletismo, handebol e GA. E, foi o professor de ginástica que o indicou para participar de uma seletiva do time de GA de um colégio particular de Ribeirão Preto, o COC. Então, aos sete anos de idade, ele passou a treinar GAM na referida equipe, com bolsa de estudos, fato que pode ter sido essencial para a especialização na modalidade, tendo em vista a possibilidade de aliar a prática esportiva com uma base educacional de qualidade.

Seguindo a mesma direção no que tange à diversificação esportiva, Lucas Bitencourt comentou:

Primeiramente eu fazia capoeira em Nova Odessa [cidade natal]. Meu professor de capoeira viu que eu tinha um pouco de facilidade e falou com a minha família para me levar em Americana, que lá tinha ginástica, para eu fazer um teste. Eu fiz um ano de natação antes, no mesmo local onde tinha ginástica. Eu sempre saía da natação e ia assistir os treinos de ginástica. No ano seguinte eu parei a natação e entrei na ginástica. Nas primeiras vezes eu já gostei muito. Percebi que eu tinha um pouco de facilidade com o esporte (Lucas Bitencourt).

A orientação do professor/profissional de educação física fez com que Lucas Bitencourt tivesse o primeiro contato com a modalidade. De maneira similar, Arthur Zanetti contou que inicialmente queria treinar futebol, como o irmão, mas foi o professor de educação física da escola que indicou a prática da GA, conforme contou:

Eu comecei com sete anos por indicação de um professor de educação física. [...] desde criancinha eu já tinha um corpo um pouco mais desenvolvido em questão de musculatura. Ele (o professor da escola) me indicou para treinar no SERC-Santa Maria (Arthur Zanetti).

De acordo com os relatos de Arthur Zanetti, a sua baixa estatura aliada à força que já demonstrava desde a tenra idade foram os fatores que levaram o professor de educação física escolar, a encaminhá-lo ao esporte quando tinha cerca de sete anos. Ele narrou:

Tenho até uma foto minha antes da ginástica, acho que eu tinha uns 5, 6 anos, eu estou meio que pendurado na árvore e estou fazendo um pouquinho de força e já dá para ver uma linha muscular [...] e eu sempre fui muito baixo, sempre, desde criança. Então esse negócio de que a ginástica não faz crescer é ridículo. [...] Então... olha o tamanho do Chico (Arthur Zanetti).

Sobre a questão apresentada pelo entrevistado, FARROW, BAKER e MACMAHON<sup>17</sup> reforçam que para que um atleta chegue ao alto nível da GA, além das características fisiológicas, táticas, técnicas e psicológicas, os fatores antropométricos (peso e altura) são fundamentais para o bom desempenho na modalidade. Ou seja, atletas mais baixos e leves apresentam melhores condições físicas para a execução dos movimentos ginásticos<sup>18</sup>. O que, de certa forma, se confirma nessa pesquisa, pois os atletas da seleção brasileira aqui entrevistados apresentam altura média de 1m65, sendo que o mais alto é Francisco Barreto (1m75) e o mais baixo é Arthur Zanetti (1m56). No entanto, vale ressaltar que as condições físicas dos atletas são treináveis<sup>19</sup>. Ademais a altura dos atletas tem se mostrado pouco relevante nas competições por aparelho, ou seja, de especialistas. A título de exemplo, o atleta Alexandre Shatilov, com 1m82, se tornou o primeiro ginasta representando

Israel a ganhar uma medalha de ouro no campeonato europeu, quando conquistou a vitória no solo em 2013 em Moscou. Estes dados corroboram com estudo de revisão realizado por MALINA e colaboradores<sup>20</sup>, o qual constatou que o treinamento da GA, seja ela feminina ou masculina, não afeta a estatura final dos praticantes, assim como a velocidade de crescimento e a maturação biológica não são alteradas.

### *Idade de início na modalidade*

Especificamente sobre o início na ginástica os entrevistados relataram idades diversas. No caso de Caio Souza, ocorreu aos três anos de idade. Na época, ele frequentava aulas de karatê junto com os irmãos, mas o professor notou a baixa estatura e indicou que buscasse, nas palavras dele, “uma modalidade mais adequada”. Ele lembra:

Os meus pais me levaram para começar a ginástica na academia da Cláudia Delgado, em Volta Redonda. Eu ficava lá muito mais do que as 2 horas, duas vezes na semana. Adorava me pendurar e pular na cama elástica. Sempre gostei de ficar de ponta cabeça (Caio Souza).

A prática de ginástica que Caio Souza foi submetido aos três anos de idade se assemelha com o que CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>21</sup> chamam de *deliberate play*. Para os autores, tal prática esportiva seria desprovida de regras, com pouca ou nenhuma intervenção de adultos, e a ludicidade ocuparia papel central. Fato esse que se mostrou essencial para que o campeão panamericano desenvolvesse motivação para passar para a fase de especialização, corroborando os achados dos autores<sup>21</sup> supracitados. No caso de Caio Souza, as brincadeiras deliberadas ocorreram bem antes, afinal, a GA é uma modalidade de início precoce<sup>5</sup>.

Sobre isso, LAW, CÔTÉ e ERICSSON<sup>22</sup> identificaram que ginastas ingressam em competições mais cedo, e, por isso, o estágio de especialização é antecipada. Para os autores, esse fato pode estar relacionado ao alto índice de lesões e ao menor divertimento relatado por ginastas entrevistadas por eles.

Ainda assim, NUNOMURA, CARRARA e TSUKAMOTO<sup>5</sup> identificaram que, para a maioria dos técnicos brasileiros, a idade de início da prática da GA deveria ocorrer entre os cinco

e os sete anos de idade. Os participantes da referida pesquisa assumiram que o início na modalidade para os meninos pode ser postergado, porém, ressaltam que o fato de haver competições para meninos de nove anos instiga o início da prática aos sete anos de idade, pois consideram necessários dois anos para a preparação inicial do atleta. Por outro lado, os autores constataram que os técnicos da GAM percebem que a especialização esportiva demasiadamente precoce pode contribuir para a desistência dos atletas. Tal preocupação com a precocidade e a conseqüente desistência também foi identificada pelo estudo de NUNOMURA, CARRARA e CARBINATTO<sup>23</sup>, já que a modalidade no Brasil carece de atletas.

Caio Souza, dentre os entrevistados, teve contato com a ginástica mais cedo (aos três anos), enquanto Nory foi quem ingressou mais tarde (aos 11 anos). Dentre os motivos apresentados para o início tardio, o atleta lembrou a dificuldade em encontrar (na época) local que oferecesse a prática. O número reduzido de clubes brasileiros que oferecem a modalidade para homens também foi constatado na pesquisa de NUNOMURA, CARRARA e TSUKAMOTO<sup>5</sup>, uma vez que, segundo os autores: “[...] o número de praticantes de GA no setor masculino é ainda menor se comparado ao feminino”.

Ainda sobre a idade de início, destaca-se que os demais entrevistados ingressaram na modalidade na idade considerada pelos treinadores brasileiros como ideal<sup>5</sup>, a saber: Lucas Bitencourt aos oito anos; Francisco Barretto e Arthur Zanetti aos sete anos. No entanto, aparentemente, tal oscilação na idade de ingresso não influenciou a idade de ápice da carreira, afinal, dentre os atletas finalistas olímpicos aqui entrevistados, Nory, aos 23 anos, foi vice-campeão olímpico na prova de solo e, aos 26 anos, campeão mundial. Arthur Zanetti foi campeão olímpico aos 22 anos, vice-campeão aos 26 anos e aos 31 anos foi finalista olímpico. Já Francisco Barretto foi finalista olímpico aos 26 anos. Caio Souza foi finalista olímpico aos 28 anos. O melhor resultado internacional de Lucas Bittencourt ocorreu aos 21 anos, no Campeonato Mundial de GA. Tais dados corroboram estudos anteriores<sup>7,9,21,23</sup>, nos quais é possível perceber que a trajetória esportiva de sucesso, independe da idade de início na modalidade, mas sim, substancialmente de um

longo processo de formação esportiva. Nessa direção, JAYANTHI e colaboradores<sup>24</sup> reforçam que o treinamento intenso de um único esporte deve ser adiado para o final da adolescência de forma a otimizar o sucesso e minimizar os riscos de lesão e problemas emocionais.

Sobre isso, há na literatura estudos<sup>25,26,27</sup> que analisam a idade de atletas de elite da GA. Dentre eles, os achados de KALINSKI, JELASKA e KNEZEVIC<sup>27</sup> apontaram que os finalistas olímpicos de GAM que competiram entre os anos de 1980 e 2016 tinham em média 23 anos. Ou seja, mesmo com o início precoce na modalidade, os atletas da GAM atingem seu ápice mais tarde do que as do setor feminino. Explica-se: o desenvolvimento de força, necessária para a execução de elementos corporais com maior complexidade da modalidade, ocorre após o período de maturação, o qual, entre os meninos acontece a partir dos 14 anos<sup>27</sup>. A Federação Internacional de Ginástica (FIG) destaca o primeiro estágio do desenvolvimento de longo prazo de ginastas do setor feminino entre 6 e 7 anos de idade; já do setor masculino aos 8 e 9 anos<sup>28</sup>. Vale destacar que há diferença inclusive na idade mínima permitida para que ginastas possam participar de competições internacionais, tais como em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Na GAF a idade mínima é de 16 anos, enquanto na GAM são 18 anos.

### *Local de nascimento*

Outro aspecto pertinente no que tange à iniciação esportiva é a localidade em que os atletas nascem. Estudos anteriores<sup>29,30</sup> registraram a predominância de atletas da região Sudoeste, mais especificamente, do estado de São Paulo na formação de GA. Tal supremacia da região Sudoeste foi percebida pelo estudo de OLIVEIRA<sup>3</sup>. Ao detalhar as competições das diferentes categorias (pré-infantil; infantil B; infantil A; infanto-juvenil; juvenil; adulto) de GAM promovidas pela Confederação Brasileira de Ginástica, entre os anos de 2004 e 2008, o autor identificou 25 entidades esportivas participantes de competições, sendo que 13 eram da região supracitada. Além disso, identificou que a região Nordeste não teve nenhuma representação.

Do estado de São Paulo, o SERC-Santa Maria, clube em que Arthur Zanetti foi revelado, já

vinha demonstrando resultados expressivos nas categorias de base (pré-infantil e infantil). Fato que se consolidou com a formação do primeiro campeão olímpico da história da ginástica brasileira. Nessa direção, o estado de São Paulo foi indicado<sup>29</sup> como principal formador de ginastas, e, não por acaso, quatro dos cinco entrevistados são naturais desse estado. Tal situação que está intimamente relacionado aos fatores históricos da disseminação da GA no país<sup>3</sup>.

Sobre esses aspectos, o estudo de CAETANO e colaboradores<sup>31</sup> analisou a influência do tamanho e densidade populacional no rendimento de ginastas brasileiros. Eles concluíram que aqueles que nasceram em cidades grandes possuem maiores chances de ter rendimento esportivo. Nessa pesquisa, apenas Lucas Bitencourt não nasceu em cidade com população maior do que 100.000 habitantes, o que fez que o atleta tivesse que mudar de cidade para permanecer treinando<sup>1</sup>.

Ao observar o resultado dos campeonatos brasileiros de 2019, foi possível identificar que o número de clubes envolvidos com a GAM permanece reduzido. A título de exemplo, a competição na categoria adulta teve a participação de oito equipes, na categoria juvenil, sete, e, na infantil, foram 11 equipes participantes. Já nos Torneios Nacionais, eventos destinados às entidades/atletas que estão debutando na modalidade, os números são ainda menores, nove ao total. Sendo este um fato que chama atenção, pois, mesmo com o número reduzido de clubes e, por consequência, de praticantes da modalidade no Brasil, o país tem alcançado bons resultados internacionais na modalidade<sup>30</sup>. Tal fato indica a necessidade de observar essa geração de ginastas no sentido de compreender os caminhos por eles traçados para alcançar a elite da modalidade.

### ***Seleção de talentos e encaminhamento***

Os primeiros passos para a formação esportiva de um atleta de elite estão vinculados, muitas vezes, à seleção de talentos. Um programa de treinamento que busca a excelência no desempenho esportivo deve ter um procedimento de reconhecimento de participantes com capacidades físicas

promissoras para aquele determinado esporte<sup>32</sup>. Nessa esteira, a seleção de talentos deve reconhecer a progressão do atleta de forma individual, considerando que o ginasta poderá ter uma maturação biológica tardia<sup>20</sup>. Obviamente, tal seleção não deve estar centrada apenas em condições físicas, afinal, sabe-se que outros fatores colaboram para a formação de um atleta de elite, tais como a influência de fatores sociais, culturais e financeiros<sup>7</sup>.

Um dos programas de seleção de talentos mais utilizados por treinadores em diferentes países é o indicado pela FIG, o *Age Group Development Program*<sup>28</sup>. Trata-se de um programa de formação para treinadores proposto pela FIG com o intuito de difundir conhecimento científico para garantir que os ginastas sejam conduzidos à elite da modalidade de forma saudável e segura. No que tange à seleção de talentos, os testes de habilidades físicas apresentados pelo referido Programa consideram especialmente a flexibilidade, a força, a resistência e a potência dos ginastas<sup>28</sup>. No entanto, não há registros de que os treinadores brasileiros utilizam tal referencial para selecionar os futuros atletas, corroborando com as narrativas dos entrevistados.

No Brasil, a seleção de talentos para a GAF se dá pela idade cronológica, avaliação morfológica e antropométrica, testes físico-motores, observação, avaliação empírica e análise genética<sup>5</sup>. Já o estudo de BACCIOTTI e colaboradores<sup>33</sup> indicou que a maior parte dos treinadores brasileiros da modalidade para mulheres utiliza método misto para a escolha de suas atletas, ou seja, testes antropométricos, motores e técnicos.

No caso dos ginastas brasileiros, tal seleção ocorreu após o período de iniciação, a partir de convite para participar de seletivas de clubes, e o método mais utilizado foi o de observação baseado na experiência dos treinadores. Caio Souza contou:

Com sete anos a professora falou para minha mãe que eu tinha um talento, que eu poderia tentar investir nisso e sugeriu que eu fosse fazer um teste no Clube de Regatas do Flamengo. Eu fiquei um mês fazendo o teste lá no clube e passei. Estou aí desde então! (Caio Souza).

Arthur Nory, que iniciou a prática da GAM aos 11 anos, em pouco tempo, foi indicado pelo

estagiário de educação física que acompanhava as aulas de ginástica no clube Pelezão, para participar de uma seletiva para formar a equipe de GAM no Esporte Clube Pinheiros. E, depois de ser aprovado pela equipe técnica do Clube, começou a trilhar a sua carreira esportiva. Ele disse: “[...] fiz um teste com 11 anos no Pinheiros e aí eu entrei e comecei minha carreira na ginástica” (Arthur Nory).

Do mesmo modo, os outros entrevistados passaram por seletiva para ingressar no treinamento de GAM. Francisco Barreto, conforme dito anteriormente, passou por seletiva para ingressar na equipe de GAM do Colégio de Ribeirão Preto (COC). Arthur Zanetti contou como se deu a transição da fase de iniciação para a fase de especialização:

No primeiro ano bem tranquilo, a escolinha, duas vezes por semana, uma hora, uma hora e meia. No ano seguinte, o Marcos Goto começou a dar treino lá em São Caetano [SERC-Santa Maria] [...] e me selecionou para fazer parte da equipe dele de alto rendimento. Foi aí que comecei a treinar todos os dias e, então, peguei a paixão pela ginástica (Arthur Zanetti).

As seletivas de clubes/associações esportivas para o ingresso no treinamento no esporte é algo amplamente praticado, especialmente no Brasil. De acordo com PERES e LOVISOLO<sup>34</sup>, o clube é uma instituição esportiva que oferece comissão técnica e condições físicas mais adequadas para a etapa de especialização. Mesmo porque, assim como em outros esportes (natação, mergulho, tênis e patinação artística), a ginástica de rendimento é ofertada, sobretudo, em clubes ou associações esportivas específicas, devido ao alto custo de equipamentos e à especialização dos treinadores<sup>1</sup>.

As narrativas dos ginastas brasileiros, Arthur Zanetti, Francisco Barreto, Caio Souza e Lucas Bitencourt, a respeito do início da prática esportiva, ressaltaram a participação do professor/profissional de educação física na identificação de talentos esportivos, assim como destaca a literatura<sup>19,35</sup>. Tal situação também foi identificada na biografia de atletas renomados internacionalmente, como o caso de Nádia Comaneci, que foi identificada por Bela Kalory brincando de ginástica no pátio da escola<sup>36</sup>.

No entanto, diferente de outras modalidades, a iniciação esportiva dos ginastas brasileiros

ocorreu especialmente em ambientes não escolares. Sobre isso, o estudo de PERES e LOVISOLO<sup>34</sup> afirma que a iniciação esportiva de atletas de elite brasileiros, de diferentes modalidades, ocorre em escolas. Da mesma maneira, COSTA e colaboradores<sup>37</sup> identificaram que a iniciação esportiva dos atletas olímpicos do atletismo brasileiro se deu, sobretudo, a partir da vivência escolar. Ainda assim, no caso da GAM brasileira foi possível constatar que tal contato ocorreu em instituições não escolares, porém, os professores de educação física escolar tiveram papel fundamental nesse processo de orientar a busca por locais específicos que ofertavam a modalidade.

A pouca experimentação da ginástica em instituições de ensino foi tratada por NISTA-PICCOLO e SCHIAVON<sup>4</sup>. Para as autoras, tal fato se justifica na formação profissional. Ou seja, a forma com que os esportes ginásticos são tratados nos cursos de graduação em Educação Física no Brasil enfatiza o treinamento de alto nível, em detrimento à pedagogia da modalidade e suas possibilidades de inserção e adaptação no contexto escolar. Com isso, os professores escolares não se motivam a propor a ginástica, acreditando que se trata de uma modalidade seletiva, difícil de ser adaptada e aplicada em ambiente escolar. No entanto, estudos recentes<sup>38,39</sup> indicam o aumento da oferta da prática da GA em escolas da rede particular do estado de São Paulo. Nessa direção, tais estudos apontam que a GA está sendo inserida no contexto escolar com características pedagógicas próprias, dessa forma, revelam algumas mudanças no cenário do esporte ginástico escolar.

No caso de Arthur Nory, aos seis anos ele praticava judô, conforme a orientação de seu pai (judoca faixa preta). Ele conta que a inspiração para praticar ginástica se deu a partir de duas situações. Ele praticava judô no Clube Palmeiras, na cidade de São Paulo, no qual, na parte de cima do ginásio, aconteciam os treinos de judô, e, no piso abaixo, os treinos de ginástica artística feminina (GAF). Ao final dos treinos de judô, Nory ficava admirando as ginastas treinarem e pedia aos pais para que o colocassem naquele esporte. Na mesma época, Daiane dos Santos estava no auge de sua carreira esportiva e inspirava-o com as suas acrobacias. Ele disse: “[...] e aí teve a época da Daiane dos Santos na TV que eu via e, enfim...” (Arthur Nory). A menção aos atletas nacionais que após destacarem-se internacionalmente recebem atenção da mídia

e tornam-se referência para os jovens, também foi encontrada em estudos anteriores<sup>38</sup>, isso porque é fundamental que os jovens tenham em quem se espelhar.

Ainda assim, a inserção de Arthur Nory na GAM ocorreu apenas aos 11 anos de idade. O atleta lembra que somente após a separação dos pais teve a oportunidade de experimentar a ginástica. Foi a sua mãe, professora de educação física, que o levou para o Clube Municipal Pelezão, o qual oferecia a modalidade para homens. Motivo para tal pode ter sido o fato de seu pai, ancorado nos enquadramentos de gênero, não ser favorável à prática de ginástica pelo seu filho<sup>1</sup>. Sobre a iniciação tardia na modalidade, o ginasta contou: “[...] só que eu tive que aprender muito rápido a base, porque na ginástica [os atletas] começam bem cedo! E aí eu tive que correr atrás para poder acompanhar os meninos que já estavam lá.” (Arthur Nory). O caso específico de Nory foi mencionado por Caio Souza como incomum na modalidade, assim como o de Daiane dos Santos<sup>5,35</sup>. Afinal, a primeira brasileira campeã mundial da modalidade (2004) iniciou a prática da modalidade aos 11 anos<sup>35</sup>. Nas palavras dele:

A GA é um esporte que começa cedo e demora para dar resultado. Tem a Dayane dos Santos e Arthur Nory que são exceção que começaram tarde, mas a maioria começou cedo. No meu caso, comecei aos sete anos e tive o primeiro resultado significativo aos 18 anos. Demora! (Caio Souza).

Ainda que a GA seja mundialmente reconhecida pelo seu início precoce<sup>25</sup>, os dados a respeito do início da trajetória esportiva de Arthur Nory reforçam os achados apresentados por CÔTÉ, BAKER e ABERNETHY<sup>21</sup>, os quais indicam que atletas que tiveram uma vasta fase de experimentação esportiva, para depois se especializarem num determinado esporte, tiveram mais sucesso quando chegaram na mais alta categoria.

### *Estrutura física*

No caso brasileiro, a GA ainda é considerada como não convencional<sup>4</sup>, ou seja, apesar de haver um certo destaque da mídia, sobretudo a partir das conquistas internacionais de ginastas brasileiros na modalidade, ainda é pouco ofertada, seja pela questão do espaço físico, recursos

materiais, ou, ainda, pela carência de profissionais que se propõem a atuar nela<sup>29</sup>. Sobre a estrutura física dos primeiros locais de treinamento, Lucas Bitencourt contou como era o ginásio que treinava em Americana, antes de migrar para o SERC-Santa Maria: “[...] não tinha um solo total, tinha só uma pistinha. A mesa de salto a gente improvisava [...] não era a melhor estrutura, era uma aparelhagem antiga, mas tinha.” (Lucas Bitencourt).

Essa é uma das dificuldades apresentadas em relação à prática da GA. A necessidade de um espaço exclusivo para a prática e a estrutura material para o desenvolvimento de atletas de elite da modalidade estão entre os principais empecilhos encontrados na literatura para o desenvolvimento da modalidade em determinados locais<sup>4,9,40</sup>.

Vale lembrar que para o desenvolvimento da GA, além dos aparelhos oficiais da modalidade (solo, cavalo com alças, argolas, salto sobre a mesa, barras paralelas simétricas e barra fixa), são necessários diversos equipamentos auxiliares, tais como colchões, plintos, trampolins, fosso, “[...] os quais contribuem para condições mais seguras, melhor desenvolvimento e acelerada evolução”<sup>40</sup> (p. 140). Nesse sentido, reforça-se que a estrutura física é um dos pilares do sucesso esportivo<sup>6</sup>.

Ainda a respeito da estrutura física para os treinamentos, Arthur Nory e Francisco Barretto enaltecem a estrutura física oferecida pelo Esporte Clube Pinheiros, nas palavras de Nory: “[...] ah! Eu tive sorte que o clube é bem estruturado. Por mais que seja pequeno e alguns aparelhos adaptados, o clube tem uma estrutura muito boa!” (Arthur Nory). Sobre isso, OLIVEIRA<sup>3</sup> indicou que os estados do Sul e Sudeste do país apresentam melhores condições de infraestrutura para o desenvolvimento da GAM, bem como registrou o início dos avanços em termos de infraestrutura para a modalidade no país, especialmente, a partir do surgimento de políticas públicas de incentivo ao esporte. Tal fato merece ser observado pois corrobora os achados de outros estudos<sup>41,42</sup>. O estudo de MATIAS e colaboradores<sup>42</sup> revelou que a região Sudeste captou mais de 80% dos recursos federais para o esporte, por meio da Lei de Incentivo ao Esporte, entre os anos de 2007 e 2013. A região Sul ocupou a segunda colocação, com 10% dos recursos. As demais regiões do país somadas receberam cerca de 8% do montante<sup>34</sup>. Tal fato explica-se pela concentração econômica do país nessa região (Sudeste em especial) e devido à localização das principais entidades esportivas.



## Conclusão

Ao analisar os aspectos da iniciação esportiva de cinco ginastas da seleção brasileira de GAM a partir de suas narrativas, foi possível identificar que: antes de iniciar a prática da GAM os atletas vivenciaram outras modalidades esportivas; o encaminhamento para a modalidade foi vinculado à indicação de profissionais/professores de educação física e à inspiração nos atletas famosos da modalidade; os atletas entrevistados iniciaram a modalidade entre 3 e 11 anos de idade e, aparentemente, a idade de início não foi um fator determinante para chegar à seleção brasileira; todos são da região Sudeste, com destaque para o estado de São Paulo; foram submetidos a seletivas para compor equipes de competições das entidades, as quais foram realizadas a partir da observação dos treinadores; o contato com a modalidade aconteceu especialmente em clubes/associações esportivas, com destaque para o SERC-Santa Maria; alguns atletas precisaram se deslocar da cidade natal para treinar em locais com melhores estruturas e profissionais especializados; os locais de formação esportiva ofereciam a aparelhagem básica de GAM, ainda que tenha sido aprimorada após resultados positivos conquistados pelos próprios atletas.

Sendo assim, os achados dessa pesquisa indicam que não há um modelo de formação de ginastas no Brasil, no que tange a iniciação e seleção de talentos. Os ginastas entrevistados tiveram os primeiros contatos com a modalidade e foram indicados ao treinamento a partir da observação, com destaque para a participação dos pais e a orientação de profissionais de

educação física. Nesse sentido, destaca-se a percepção desses professores, os quais mesmo diante de limitações estruturais para desenvolver a prática da GA, tiveram a sensibilidade de indicar talentos para locais específicos.

Com base nos resultados dessa pesquisa, sugere-se para aqueles que estão interessados em desenvolver a GAM: os professores de educação física são importantes agentes na identificação de talentos, enquanto os treinadores de ginástica são responsáveis pelo desenvolvimento de talento e condutores de um atleta para a elite, por isso, é necessário investir na formação e no retorno financeiro desses profissionais; a necessidade de mudança de cidade ou ainda a dificuldade de encontrar locais para a iniciação e treinamento pode ser um fator limitante na GAM, o que indica a demanda de investimentos em estruturas de treinamento nas regiões brasileiras que tradicionalmente formam atletas, bem como a criação de novos polos de formação de ginastas pelo país.

Estudos da trajetória esportiva de atletas são relevantes por apontarem fatores que contribuíram para o desenvolvimento de atletas de elite de determinada modalidade. Ainda assim, vale ressaltar que o estudo se limitou à fase de iniciação de cinco atletas, mesmo que ginastas de destaque no âmbito mundial da modalidade. Nesse sentido, sugere-se que novos estudos desta natureza sejam realizados com maior número de participantes e considerando outras questões que aqui não foram abordadas, tais como: financiamento e patrocínio, motivos da permanência no esporte, apoio parental e relação com treinadores.

## Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Conflito de Interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

## Abstract

The sports initiation of male artistic gymnastics athletes of the Brazilian National Team.

The present article aims to analyze aspects of the sports initiation of Brazilian male artistic gymnastics (MAG) athletes who competed in World Championships and Olympic Games between the years 2013-2021. To achieve this, semi-structured interviews were conducted with five Brazilian athletes. Thematic Oral History was employed for the apprehension of oral sources, and the written document was categorized into other sports experiences; age of initiation in the sport; place of birth; referral; infrastructure. The results highlighted the role of physical education professionals in introducing the sport, arousing interest, and identifying and referring sports talents. The age of initiation in the sport did not prove relevant in all analyzed trajectories. The athletes are from the Southeast region. The training locations were clubs/sports associations that provided basic MAG equipment. Selections were made through observation by coaches, based on their own experience. It is concluded that there is a need to value coaches, as well as to maintain training structures in Brazilian regions that traditionally produce athletes.

KEYWORDS: Sports; Training; Gymnasts; Formation; Oral sources.

## Referências

1. Vargas PI, Rinaldi IPB, Capraro AM. Apoyo de los padres en la gimnasia artística masculina: escuchando a los atletas de la selección brasileña. *Retos*. 2022;46:916-924.
2. Publio NS. Ginástica Artística. In: Dacosta L, organizador. Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEEF; 2006. p. 8224-8225.
3. Oliveira MS. O panorama da ginástica artística masculina brasileira: um estudo histórico-crítico do período 2005-2008 [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2010.
4. Nista-Piccolo V, Schiavon LM. A ginástica artística como proposta educacional. In: Nista-Piccolo V, Toledo E, organizadores. Abordagens pedagógicas do esporte. Campinas: Papyrus Editora; 2014. p. 97-116.
5. Nunomura M, Carrara PDS, Tsukamoto MHC. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! *Rev Bras Educ Fis*. 2010;24(03):305-314.
6. Bosscher V, Knop P, Van Bottenburg M, Shibli S, Bingham J. Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*. 2009;12(3):113-136.
7. Barreiros A, Côté J, Fonseca AM. From early to adult sport success: Analysing athletes' progression in national squads. *European J Sport Sci*. 2014;14(1):178-182.
8. Côté J. The influence of the family in the development of talent in sport. *Sport Psychol*. 1999;13(4):395-417.
9. Tsukamoto MHC, Nunomura M. Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. *Rev Bras Ci Esporte*. 2005;26(3):159-176.
10. Carrara P, Amadio AC, Serrão JC, Irwin G, Mochizuki L. The cross on rings performed by an Olympic champion. *Rev Bras Educ Fis*. 2016;30(1):71-77.
11. Oliveira MS, Noé FA, Bortoleto MAC. Reflexões sobre a arbitragem na ginástica artística masculina do Brasil segundo a perspectiva de seus protagonistas. *Rev Bras Ci Movimento*. 2019;27(4):73-84.
12. Passos AMR, Quitzau EA. Tecnologias de sexo/gênero na Ginástica Artística: o processo de diferenciação sexual das argolas, barras assimétricas e mesa salto. *Educ Fis Ci*. 2023;25(2):e258-e258.
13. Vargas PI, Capraro AM. The profile of the academic production on men's artistic gymnastics from the Web of Science and Scopus. *Sci Gymn J*. 2020;12(3):419-430.
14. Vargas PI, Reis FDG, Leite N, Capraro AM. The sporting trajectory of elite athletes in artistic gymnastics: A systematic review. *Sci Gymn J*. 13;(3):337-355.
15. Meihy JCSB, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2020.
16. Alberti V. Manual de história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2013.

17. Farrow D, Baker J, Macmahon C. *Developing Sport Expertise*. London: Routledge; 2013.
18. Moeskops S, Oliver JL, Read PJ, Cronin JB, Myer GD, Lloyd RS. The physiological demands of youth artistic gymnastics: applications to strength and conditioning. *Strength Cond J*. 2019;41(1):1-13.
19. Gonçalves EC, Rama LM, Figueiredo AB. Talent identification and specialization in sport: an overview of some unanswered questions. *Int J Sports Phys Performance*. 2012;7(4):390-393.
20. Malina RM, Baxter-Jones AD, Armstrong N, et al. Role of intensive training in the growth and maturation of artistic gymnasts. *Sports Med*. 2013;43:783-802.
21. Côté J, Baker J, Abernethy B. Practice and play in the development of sport expertise. In: Tenenbaum G, Eklund RC, organizadores. *Handbook Sport Psychol*. 2007;3:184-202.
22. Law, MP, Côté, J, Ericsson, KA. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: a retrospective study. *Int J Sport Exercise Psychol*. 2007;5(1):82-103.
23. Nunomura M, Carrara PDS, Carbinatto MV. Ginástica artística competitiva: considerações sobre o desenvolvimento dos ginastas. *Motriz Rev Educ Fís*. 2009;503-514.
24. Jayanthi N, Pinkham C, Dugas L, Patrick B, LaBella C. Sports specialization in young athletes: evidence-based recommendations. *Sports Health*. 2013;5(3):251-257.
25. Atikovic A, Kalinski SD, Čuk I. Age trends in artistic gymnastic across world championships and the olympic games from 2003 to 2016. *Sci Gymnastics J*. 2017;9(3):251-263.
26. Barker-Ruchti N, Kerr R, Schubring A, Cervin G, Nunomura M. “Gymnasts are like wine, they get better with age”: becoming and developing adult women’s artistic gymnasts. *Quest*. 2017;69(3):348-365.
27. Kalinski SD, Jelaska I, Knezević N. Age effects amongs elite male gymnastics. *Acta Kinesiológica*. 2017;11(2): 83-89.
28. Fink H, Hofmann D. Age group development and competition program for Men’s Artistic Gymnastics. Lausanne: Fédération Internationale de Gymnastique; 2015.
29. Queiroz LLB, Bortoleto MAC, Nunomura M, Schiavon LM. A representatividade da ginástica artística feminina paulista no contexto brasileiro (2011-2019). *Rev Bras Ci Movimento*. 2022;30(3).
30. Vargas PI, Santos LCA, Mezzadri F. O programa Bolsa-Atleta e sua abrangência nos esportes ginásticos (2005-2021). Biblioteca virtual da Câmara dos Deputados. Comissão do Esporte. 2022;126-142.
31. Caetano CI, Sentone RG, López-Gil JF, Caetano HBS, Cavichioli FR. Influence of population size and density on sports performance of Brazilian artistic gymnastics. *Retos*. 2020;83:66-70.
32. Mkaouer B, Hammoudi-Nassib S, Amara S, Chaabène H. Evaluating the physical and basic gymnastics skills assessment for talent identification in men’s artistic gymnastics proposed by the International Gymnastics. *Biol Sport*. 2018;35(4):383-392.
33. Bacciotti S, Gaya A, Pereira S, Gomes T, Bacciotti F, Baxter-Jones A, Maia J. Seleção em ginástica artística feminina no Brasil. *Rev Bras Ci Esporte*. 2019;41:51-58.
34. Peres L, Lovisolio H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. *J Phys Educ*. 2006;17(2):211-218.
35. Schiavon, L. *Ginástica artística feminina e história oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)* [tese]. São Paulo (SP): Universidade Estadual de Campinas, Estadual de Campinas; 2009.
36. Comaneci N. *Letter to a young gymnast*. Philadelphia: Basic Books; 2004.
37. Costa IP, Caregnato AF, Gil JFL, Cavichioli FR. Atletismo: iniciação esportiva de acordo com atletas olímpicos brasileiros. *Retos*. 2021;(39):163-168.
38. Lopes P, Oliveira MS, Fátima CRD, Nunomura M. Motivos de abandono na prática de ginástica artística no contexto extracurricular. *Rev Bras Educ Fís*. 2016;30:1043-1049.
39. Murbach MA, Lima LBQ, Paiva ACS, Impolcetto FM, Schiavon LM. A percepção de estudantes do ensino médio sobre a ginástica na educação física escolar. *Corpoconsciência*. 2022;36-52.
40. Lima LBQ, Murbach MA, Ferreira MDTDO, Schiavon LM. Análise das condições de desenvolvimento da ginástica artística no Estado de São Paulo. *Rev Bras Educ Fís*. 2016;30:133-143.
41. Vargas PI, Santos-Lise N, Mezzadri FM, Capraro AM. Resultados dos atletas brasileiros de ginástica artística masculina contemplados pela bolsa atleta pódio. *Podium Sport*. 2022;11(1):121-144.
42. Matias WB, Athayde PF, Húngaro EM, Mascarenhas F. A lei de incentivo fiscal e o (não) direito ao esporte no Brasil. *Movimento*. 2015;21(1):95-109.

ENDEREÇO

Pauline Iglesias Vargas  
Rua Antônio Gruba, s/n, Vista Alegre  
80820-340 - Curitiba - PR - Brasil  
E-mail: piglesiasvargas@gmail.com  
paulinevargas@ufpr.br

Submetido: 24/08/2023

Revisado: 07/12/2023

Aceito: 12/12/2023